

ROB BELL

# o amor vence

UM LIVRO SOBRE O **CÉU**, O **INFERNO**  
E O **DESTINO** DE TODAS AS PESSOAS  
QUE JÁ PASSARAM PELA TERRA



SEXTANTE



# Sumário

<i>Prefácio</i>	Milhões de nós.....	7
<i>Capítulo 1</i>	E se furar o pneu? .....	11
<i>Capítulo 2</i>	Aqui é o novo futuro .....	26
<i>Capítulo 3</i>	Inferno .....	60
<i>Capítulo 4</i>	Deus consegue o que deseja? .....	86
<i>Capítulo 5</i>	Morrendo para viver .....	106
<i>Capítulo 6</i>	Há pedras por toda parte .....	120
<i>Capítulo 7</i>	A boa notícia.....	138
<i>Capítulo 8</i>	O fim está aqui.....	162
<i>Agradecimentos</i>	.....	167

## Milhões de nós

**P**ARA COMEÇAR,  
um pouco sobre este livro.

Primeiro, acredito que a história de Jesus diz respeito principalmente ao amor de Deus por cada um de nós. É um amor maravilhoso, lindo e amplo, que é concedido a todas as pessoas, em todos os lugares.

Esta é a história.

“Porque Deus tanto amou o mundo...”

Foi por isso que Jesus veio.

Esta é a mensagem.

É onde a vida é encontrada.

Um número cada vez maior de pessoas está consciente de que a verdadeira história de Jesus foi substituída por outras que o Filho de Deus não está interessado em contar simplesmente porque não têm nada a ver com o seu propósito ao vir à Terra. O enredo foi perdido, e está na hora de recuperá-lo.

Este livro foi escrito para todas as pessoas que já leram ou ouviram alguma versão da história de Cristo que tenha feito sua

pressão subir, seu estômago ficar embrulhado e seu coração pronunciar palavras como: “Nunca irei fazer parte disso.”

Você não está só.

Há milhões como nós.

Este amor nos leva a questionar algumas coisas que nos contaram sobre Jesus. Fizeram-nos crer que um seletivo grupo de cristãos viverá eternamente em um lugar de paz e alegria chamado céu, enquanto o resto da humanidade será deixado para sempre no tormento do inferno. Muita gente aprendeu que esta é uma verdade imutável da fé cristã e que rejeitá-la é o mesmo que rejeitar Jesus. Isso é um equívoco. Além do mais, essa ideia não ajuda a propagação da mensagem de amor, alegria, perdão e paz que o Senhor nos trouxe e que precisamos desesperadamente ouvir.

Foi por isso que escrevi este livro.

Mas também o escrevi porque há outro engano a respeito de Jesus: a fé que ele prega não se omite frente às grandes perguntas sobre temas como Deus, salvação, julgamento, céu e inferno, mas, ao contrário, nos leva ao âmago de cada uma delas.

Muitos fazem essas perguntas.

Cristãos,

não cristãos,

pessoas que *foram* cristãs, mas que deixaram de ser porque fizeram essas perguntas,

pessoas que acham que os cristãos são alienados e foram iludidos,

pastores, líderes e pregadores.

As perguntas estão por toda parte.

Algumas comunidades cristãs não permitem uma investigação franca e honesta sobre os assuntos que mais importam. Muita gente que expressou suas preocupações, que confessou uma dúvida ou que levantou uma questão ouviu da igreja uma resposta vaga como “Nós não discutimos essas coisas aqui”.

O diálogo por si só é algo divino. Abraão deu o melhor de si para chegar a um acordo com Deus; a maior parte do livro de Jó consiste em discussões entre ele e seus amigos sobre profundas questões do sofrimento humano; Deus praticamente é julgado nos poemas do livro Lamentações; e Jesus responde a quase todas as questões que lhe são apresentadas com uma pergunta: “O que você acha disso?”

Os antigos sábios diziam que as escrituras sagradas continham palavras pretas em páginas em branco – há sempre um espaço vazio para ser preenchido com nossas respostas, opiniões, anseios, desejos, sabedoria e descobertas. Minha esperança é que isso possa libertar você. Para Jesus, não há pergunta difícil ou assunto delicado. Ao mesmo tempo, alguns temas não têm a importância que as pessoas lhes atribuem. Muito sangue foi derramado por causa da divisão da igreja, de julgamentos de heresias e de debates acalorados sobre assuntos que não eram relevantes. Algumas vezes, tais conflitos não passavam de uma maneira de nos afastar daquilo que era verdadeiramente importante. Jesus nos libera para tratar as coisas como elas são.

Entenda, por favor, que nada neste livro deixou de ser ensinado, recomendado ou realizado por muitos antes de mim. Eu não criei nenhuma linha de pensamento inovadora que vá de encontro a tudo o que já foi dito inúmeras vezes. Esta é a beleza da fé cristã, histórica e tradicional: ela é um rio largo e profundo que

vem correndo há milhares de anos, transmitindo uma incrível variedade de vozes, pontos de vista e experiências.

Portanto, se este livro não fizer nada mais que introduzir você na antiga discussão sobre a ressurreição de Jesus em toda a sua complexidade vibrante, diversa, desarmônica e multifacetada, bem, eu já ficarei emocionado.

## E se furar o pneu?

**M**UITOS ANOS ATRÁS, organizamos uma exposição de arte em nossa igreja. Após uma série de palestras sobre pacificação, convidamos os artistas a exporem suas obras, apresentando quadros, esculturas e poemas que refletissem seu entendimento sobre o que significava ser um pacificador. Uma mulher incluiu em seu trabalho uma citação de Mahatma Gandhi, que muitas pessoas consideraram bastante pertinente.

Mas nem todas.

Alguém colou um pedaço de papel sobre a obra de arte.

Nesse papel estava escrito: “Ele está no inferno.”

Sério?

Gandhi está no inferno?

Temos confirmação disso?

Alguém tem certeza?

E esse alguém decidiu assumir a responsabilidade de informar isso para todos nós?

Será mesmo que, entre todos os bilhões de pessoas que já viveram, apenas um pequeno grupo conseguirá ir “para um lugar

melhor”, e todas as outras criaturas sofrerão castigos para sempre? Isto é aceitável para Deus? Será que Ele criou bilhões de pessoas ao longo de dezenas de milhares de anos para deixá-las passar a eternidade em aflição? Deus pode fazer isso, ou mesmo permitir isso, e ainda assim se apresentar como um Deus amoroso?

Será que Deus castiga pessoas com o tormento infinito e eterno por coisas que elas fizeram nos seus poucos e finitos anos de vida?

Essas perguntas não levantam apenas questões sobre Deus, mas também sobre a natureza de nossas crenças.

Por que eles?

Por que você?

Por que eu?

Por que não ele, ela ou eles?

Se apenas algumas pessoas vão para o céu, o mais difícil de entender é: como elas são escolhidas?

Casualidade?

Sorte?

Seleção aleatória?

Ter nascido no lugar certo, na família certa ou no país certo?

Ter um pastor jovem que “se relaciona bem com a garotada”?

Escolha divina?

Que tipo de fé é esta?

Ou, ainda mais importante:

Que tipo de Deus é este?

Sempre que um povo afirma que um grupo está salvo, aceito por Deus, perdoado, iluminado, redimido – e todos os outros

não –, por que é que os que fazem esta afirmação estão sempre no grupo que está “dentro”?

Você já escutou alguém falar sobre os escolhidos e não se dizer parte integrante desse grupo?

Certa vez, ouvi uma mulher contar que, durante o velório de um amigo da filha – morto num acidente de carro –, um homem aproximou-se e lhe perguntou se o rapaz era cristão. A menina disse que o amigo se dizia ateu. O homem então lhe disse: “Neste caso, não há esperança.”

Não há esperança?

É esta a mensagem cristã?

“Não há esperança”?

É isso que Jesus oferece ao mundo?

É este o chamado santo dos cristãos, anunciar que não há esperança?

A morte de jovens como esse levanta uma questão sobre a “idade da prestação de contas”. Alguns cristãos acreditam que até certa idade as crianças não são responsáveis pelas suas crenças; logo, se morrerem nesse período, têm seu lugar assegurado ao lado de Deus. Porém, quando atingem determinada idade, elas se tornam responsáveis por aquilo em que creem e, se morrerem, estarão com Deus apenas se tiverem dito, feito, ou acreditado nas coisas “certas”. Para os que aceitam essa teoria, a idade da prestação de contas é por volta dos 12 anos.

Essa ideia sugere uma série de questões, e uma delas é o risco que cada vida nova enfrenta. Se todos os bebês que nascessem fossem criados para *não* crer nas coisas certas e, desta forma,

fossem condenadas ao inferno, então interromper a vida de uma criança prematuramente – em algum momento entre a concepção e os 12 anos – seria, na verdade, uma atitude amorosa, pois garantiria que ela acabasse no céu e não no inferno.

Esse assunto suscita outras perguntas que envolvem a morte de uma criança. O que acontece quando um ateu de 15 anos morre? Haveria uma janela de três anos em que ele poderia tomar a decisão que mudaria seu destino? Ele perdeu sua chance? E se ele tivesse vivido até os 16 e justamente no décimo sexto ano viesse a crer naquilo que “deveria”? O acesso a Deus estava limitado àquele período de três anos? Ou ainda: se a mensagem de salvação não chegasse ao rapaz antes de sua morte, então ele era apenas um azarado?

E o que exatamente deveria acontecer naqueles três anos para mudar seu futuro?

Ele teria que passar por alguma cerimônia ou um ritual específico?

Ou assistir a alguma aula?

Ou ser batizado?

Ou frequentar uma igreja?

Ou teria que acontecer uma mudança em algum lugar do seu coração?

Alguns acreditam que ele deveria orar. Os cristãos não são unânimes sobre qual deveria ser a oração específica, mas, para muitos, a ideia básica é que o único meio para se chegar ao céu é orando, pedindo perdão a Deus e declarando que aceita Jesus, que crê que ele morreu na cruz para pagar o preço de seus pecados e que deseja ir para o céu quando morrer. Há quem chame isso de “aceitar Jesus”, outros, de “oração do pecador”, e ainda há quem chame de “ser salvo”, “nascido de novo” ou “ser convertido”.

O que dá origem, é claro, a mais perguntas. O que dizer das pessoas que recitaram alguma oração em algum momento da vida, mas que hoje não significa nada para elas? E aqueles que oraram em um ambiente altamente carregado de emoção, como um acampamento jovem ou culto de igreja, somente porque era a coisa a ser feita, mas não tinham consciência do que estavam fazendo? E aquelas que não se declaram cristãs mas têm atitudes mais parecidas com as de Cristo do que os próprios cristãos?

Logo somos levados a perguntas perturbadoras sobre a própria mensagem de Jesus. Alguns religiosos acreditam que tudo o que importa é ir ou não para o céu. Então é esta a mensagem? É disso que trata a vida? Um caminho para chegar a outro lugar? Se o evangelho afirma isso – se o papel de Jesus é levar as pessoas para outro lugar –, então a mensagem central do cristianismo não diz respeito a esta vida, e sim a providenciar aquilo de que você precisa para a vida futura. O que, é claro, desperta outra pergunta: Isto é o melhor que Deus pode fazer?

Toda essa discussão suscita um questionamento ainda mais desconcertante: Então não importa o tipo de pessoa que eu sou, contanto que tenha orado e acreditado nas coisas certas? Se realmente é nisso que os religiosos creem, não há mais motivação para fazer qualquer coisa que possa aplacar o sofrimento do mundo, porque o que vale é acreditar que vamos partir algum dia para estar com Jesus em outro lugar.

Se é este o entendimento que as pessoas fazem das palavras de Jesus, é possível que acabemos em um mundo de bilhões de seres humanos pobres, famintos e sedentos, com a Terra sendo explorada e poluída, com a doença e o desespero se espalhando por toda parte enquanto os cristãos não estão nem aí. Como se isso

não fosse ruim o bastante, poderíamos até ver pessoas rejeitando Jesus por causa da forma como agem seus seguidores.

Seria trágico.

Quando uma mulher de nossa igreja convidou um amigo para assistir a um de nossos cultos, ele quis saber se era uma igreja cristã. Ela disse que sim, e ele contou que, certa vez, cristãos da sua cidade natal, no Leste Europeu, capturaram um grupo de muçulmanos, trancaram-nos em um prédio e abriram fogo contra eles, matando-os a todos. Ele então falou que, como era muçulmano, não tinha interesse em visitar uma igreja cristã.

Pense nas pessoas que conhecem os cristãos apenas pelo que veem na televisão e, assim, presumem que Jesus é contra a ciência, contra os gays e fica nas calçadas com seu alto-falante dizendo aos passantes que eles vão queimar no inferno.

E o que dizer dos indivíduos que são educados em igrejas cristãs e se afastam da religião quando ficam mais velhos? Quase sempre os pastores, seus pais e irmãos se preocupam com eles e com sua espiritualidade, o que é bastante natural. Mas, em alguns casos, eles rejeitam a igreja e a fé porque ouviram dizer que seguir Jesus era a única salvação, e se recusam a crer nisso. Talvez estejam repudiando as mesmas coisas que Jesus repudiaria. Algumas versões sobre Jesus deveriam mesmo ser rejeitadas.

Muitas vezes, quando encontro um ateu e conversamos sobre o deus em que ele não acredita, chego à conclusão de que eu também não acredito naquele deus.

Então, quando ouvíssemos dizer que certa pessoa “rejeitou Cristo”, deveríamos perguntar: “Qual Cristo?”

Muita gente responderia a essa pergunta dizendo que nós precisamos acreditar que Deus irá colocar em nosso caminho os representantes de Jesus que nos mostrarão a verdade transformadora de sua mensagem. A passagem bíblica de Romanos 10:14 é muitas vezes citada para explicar isso: “E como ouvirão, se não houver quem pregue?” Eu concordo plenamente, mas tal ideia provoca outra pergunta: Se nossa salvação, nosso futuro e nosso destino dependem de que os outros tragam a mensagem até nós, o que acontece se eles não fizerem a sua parte?

E se o pneu do carro do missionário furar?

Isso suscita outra pergunta, ainda mais embaraçosa:

O futuro de cada um de nós está nas mãos de outra pessoa?

O que leva a outra pergunta:

A vida dos outros está em nossas mãos?

Se for assim, não apenas uma pessoa tem que responder, orar, aceitar, crer, confiar, confessar e fazer – mas também a outra precisa agir, ensinar, viajar, organizar, levantar fundos e construir para que a primeira saiba *como* responder, orar, aceitar, crer, confiar, confessar e fazer.

Alguns cristãos poderiam afirmar que a questão não é tão complicada assim e que Deus tem muitas outras maneiras de se comunicar além da interação entre as pessoas. O ponto realmente essencial é ter um “relacionamento pessoal” com Deus por meio de Jesus. Independentemente do que aconteça, de quem pregue a quem, ou do que venha a ser feito, o que importa é somente isto: ter um relacionamento pessoal com o Senhor. Se não houver isso, você morrerá longe de Deus e passará a eternidade ardendo no fogo do inferno.

O problema, entretanto, é que a expressão “relacionamento pessoal” não aparece em nenhum lugar da Bíblia.

Não está nas escrituras hebraicas nem no Novo Testamento. Jesus nunca usou esse termo. Paulo também não, tampouco João, Pedro, Tiago ou a pessoa que escreveu a epístola aos Hebreus.

Então, se este é o segredo de tudo, por que ninguém falou nisso até os últimos cem anos?

Esta questão remete a outra pergunta: Se a mensagem de Jesus é que Deus oferece o dom gratuito da vida eterna por meio de seu filho – uma dádiva que não podemos alcançar por nossos esforços, obras ou boas ações –, e tudo o que precisamos fazer é aceitar, confessar e crer, por acaso essas coisas não são verbos?

E verbos não são ações?

Aceitar, confessar, crer – essas são coisas que nós *fazemos*.

Isto significa, então, que ir para o céu depende de alguma coisa que eu faça?

Como isso pode ser uma graça?

Como pode ser uma dádiva?

Mas, o que os cristãos sempre alardearam como diferencial de sua religião não é exatamente o contrário? Que não é preciso *fazer* nada porque Deus já fez tudo por meio de Jesus?

Neste ponto, outra voz entra na discussão – a voz sábia e equilibrada daqueles que nos lembram que tudo isso é uma história.

Então apenas a leia, porque uma boa história tem o poder de nos resgatar das discussões teológicas abstratas que podem nos manter amarrados durante anos.

Em Lucas 7, lemos a história do centurião romano que manda um recado para Jesus, dizendo que tudo o que ele precisa fazer é pronunciar uma palavra e seu servo será curado. Jesus fica impressionado com a confiança que aquele homem tem nele e, voltando-se para a multidão que o segue, declara: “Eu digo que nem em Israel encontrei tamanha fé.”

Mais adiante, em Lucas 18, encontramos a história de dois homens que vão até o templo orar. O primeiro orgulha-se de não ser um pecador, enquanto o outro se mantém à distância e diz: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador.” E é este que vai para o céu.

Então, um pouco mais à frente, no capítulo 23 do mesmo evangelho, o homem pregado na cruz ao lado de Jesus olha para ele e fala: “Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.” E Jesus lhe garante que eles estarão juntos no paraíso.

Na primeira história, o centurião faz um discurso sobre como funciona a autoridade; na segunda, o homem ora pedindo compaixão; e, na terceira, o homem pede que seja lembrado em alguma data futura.

No primeiro caso, Jesus não está apenas aceitando e aprovando; ele está impressionado.

No segundo caso, as palavras humildes do homem o colocaram em uma posição mais vantajosa do que a do religioso.

E, no terceiro caso, o homem recebe a promessa de que estará com Jesus no paraíso.

Então é o que você diz que o salva?

Mas, em João 3, Jesus diz a Nicodemos que se ele quiser ver o reino de Deus precisa “nascer de novo”.

E, em Lucas 20, quando Jesus é questionado sobre a vida após a morte, ele faz referência aos que são “considerados dignos de tomar parte na era que há de vir”.

Então é preciso nascer de novo,  
ou é necessário ser considerado digno?

O que o salva é o que você diz,  
ou o que você é?

Em Mateus 6, Jesus está ensinando seus discípulos a orar e afirma que, se eles perdoarem os outros, Deus os perdoará, mas, se não perdoarem os outros, então Deus não os perdoará.

Em seguida, em Mateus 7, Jesus adverte: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Mais adiante, no capítulo 10, Jesus ensina que “aquele que perseverar até o fim será salvo”.

Afinal, para sermos aceitos por Deus, nós temos que perdoar os outros, fazer a vontade do Pai ou “perseverar até o fim”?

O que importa?  
É o que dizemos,  
o que somos,

a quem perdoamos,  
se fazemos a vontade de Deus,  
ou se “perseveramos”?

Em Lucas 19, um homem chamado Zaqueu diz a Jesus: “Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e, se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais.”

A resposta de Jesus foi: “Hoje houve salvação nesta casa!”

Então, é o que dizemos,  
quem somos,  
o que fazemos,  
ou o que dizemos que vamos fazer?

Em Marcos 2, Jesus está pregando em uma casa cercada por uma multidão. Por não ser possível atravessar aquele muro de gente, alguns homens fazem um buraco no telhado para descer um amigo paraplégico em uma maca, a fim de que Jesus o cure. Quando Jesus vê a fé dos homens, diz para o doente: “Filho, os seus pecados estão perdoados.”

Os pecados do *paraplégico* são perdoados por causa da fé *dos amigos dele*?

Então se trata do que você diz,  
de quem você é,  
do que você faz,  
do que você diz que vai fazer,  
ou de quem são seus amigos e do que eles fazem?

Em 1 Coríntios 7, está escrito: “Você, mulher, como sabe se salvará seu marido? Ou você, marido, como sabe se salvará sua

mulher?” E Paulo escreve na sua primeira carta a Timóteo que as mulheres serão salvas “dando à luz filhos” (capítulo 2).

Logo, é o que você diz,  
quem você é,  
o que você faz,  
o que você diz que vai fazer,  
quem são os seus amigos,  
com quem você se casa,  
ou se você tem filhos?

Essas perguntas nos conduzem a uma das primeiras histórias de “conversão” da igreja. Em Atos 22, lemos a respeito de um homem chamado Saulo (depois, Paulo) que está indo à cidade de Damasco para prender os cristãos e, subitamente, ouve uma voz que lhe pergunta: “Saulo, por que você me persegue?”

Saulo responde com outra pergunta: “Quem és tu, Senhor?”

A voz, então, replica: “Eu sou Jesus, a quem você persegue. Levante-se, entre na cidade; alguém dirá o que você deve fazer.”

Esta foi sua experiência de “conversão”?

Paulo ouve uma pergunta.

Então responde com uma pergunta à pergunta que lhe foi feita.

Ele ouve que quem lhe fala é Jesus e que ele deve entrar na cidade e lá saberá o que fazer.

Ora, então o que o salva  
é o que você diz,

quem você é,  
o que você faz,  
o que você diz que vai fazer,  
quem são seus amigos,  
com quem você se casa,  
se você tem filhos,  
se alguém lhe faz perguntas,  
se você responde com outra pergunta,  
ou se você faz o que lhe mandam fazer?

Em Romanos 11, Paulo escreve: “E assim todo o Israel será salvo.”

Todo o Israel?

Logo, o que determina sua salvação é a tribo, a família, ou o grupo étnico em que você nasceu?

Em Lucas 11, os fariseus dizem que Jesus tem ligações com o diabo porque é capaz de expulsar os demônios. Então, em Marcos 3, alguns membros da família de Jesus aparecem para buscá-lo, porque ele está “fora de si”. E, em Mateus 16, quando Jesus pergunta aos seus discípulos quem o povo diz que o filho de Deus é, lhe respondem: “Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas.”

O que vemos nessas passagens bíblicas é que quase todos, pelo menos no início, têm muita dificuldade para entender quem é Jesus.

Com exceção de um certo grupo.

Em Lucas 4, um homem possuído por “espírito imundo” grita para Jesus: “Sei quem tu és: o Santo de Deus!”

E, em Mateus 8, quando Jesus chega à praia na região dos gadarenos, outro homem possuído por demônios grita para ele: “Que queres conosco, Filho de Deus?”

E, em Marcos 1, Jesus não deixa os demônios falarem, “porque sabiam quem ele era”.

Nos relatos sobre Jesus, vemos que muita gente – inclusive sua própria família – não tem certeza de quem ele é, a não ser os demônios, que sabem exatamente quem ele é e o que está fazendo.

Como escreveu Tiago em sua carta: “Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem – e tremem!” (capítulo 2).

Em Lucas 7, uma mulher “pecadora” invade a casa onde Jesus está, derrama-lhe perfume sobre os pés, molha os pés do Mestre com suas lágrimas e depois os enxuga com seus cabelos. Jesus diz então para a mulher: “Seus pecados estão perdoados.”

Ou seja, os demônios creem,  
e lavar os pés de Jesus com lágrimas faz seus pecados serem perdoados?

Nós poderíamos continuar,  
versículo após versículo,  
trecho após trecho,  
fazendo perguntas após perguntas  
sobre céu, inferno, vida futura,  
salvação, fé, julgamento,  
sobre quem é Deus,

sobre como é Deus  
e de que forma Jesus se encaixa nisso tudo.

Porém, este não é um livro de perguntas.  
É um livro de respostas.

Sendo assim, vamos em frente.

## Informações sobre os próximos lançamentos

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA SEXTANTE,

visite o site [www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)

ou siga @sextante no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail, basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro, escreva para [atendimento@esextante.com.br](mailto:atendimento@esextante.com.br) ou mande uma mensagem para @sextante no Twitter.

EDITORA SEXTANTE

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: [atendimento@esextante.com.br](mailto:atendimento@esextante.com.br)